

A Semana Santa era assim...

"Correio Popular" 9-IV - 1993

CMP 2.1.7.1.82.

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Esplendorosas eram as Semanas Santas no Brasil de outrora. Pelo menos é o que nos contam cronistas antigos, e entre eles, Leopoldo do Amaral, Melo Moraes, Paulo Cursino de Moura, e mais recentemente, o saudoso José de Castro Mendes, que foi jornalista, durante anos, aqui mesmo no **Correio Popular**.

As cerimônias eram longas, os sermões eloqüentes, as procissões concorridíssimas, e tendo cunho oficial, tinham acompanhamento dos "homens bons", com andores e pálios carregados por gente de prol. Mas havia também muita ciúmeira, visível nos documentos públicos, questiúnculas levantadas por cônegos, priores, ouvidores e corregedores em pueris contendas pelo fato de, na procissão dos Passos ou na do Enterro, o barão de tal não ter sido distinguido com uma cana do pálio da sagrada relíquia — segundo assinala Cursino de Moura. As procissões, importantes como festas nacionais, reuniam o povaréu nas ruas estreitas, que eram varridas e enfeitadas, recobertas de pétalas de rosas, ramos de alecrim, jasmim do imperador, magnó-

lias. Hoje esta tradição perdura, e em algumas cidades há obras de arte popular ornamentando as ruas, por onde passa a procissão.

Oradores sacros derramavam sua oratória no sermão da Paixão ou do Encontro. O povo vestia-se de luto. Em sinal de respeito os homens não fumavam durante toda a semana. Muita gente até passava a pão e água. Aliás, durante os 40 dias da Quaresma era rigorosa também a abstinência da carne.

Narrativa datada de 1856 conta de uma soleníssima procissão dos Passos, precedida de um pregoeiro, chamado Farricoco ou Morte, metido em um camisolão preto, a cabeça coberta por um capuz, deixando apenas dois buracos para os olhos. Levava um chicote e uma trombeta, e investia contra a molecada. Era temido pelas crianças.

A mais solene procissão do ano era a do Enterro, que em São Paulo saía da Igreja da Ordem Terceira do Carmo. A imagem ia em um esquife carregado por homens paramentados, a cabeça coberta com amitos. Em Campinas, os Irmãos do Santíssimo acompanhavam o enterro com suas opas roxas.

E ainda havia as três Marias em longos vestidos, a Verônica cantando de espaço a espaço junto aos Passos, e com voz tão triste que arrancava lágrimas de todos.

Na cidade de São Paulo, a "guarda romana" era obrigatória na procissão da Sexta-feira Santa. Mas, passada a glória, tinha de fugir pela porta dos fundos da igreja, que dava para a rua da Boa Morte. A guarda era perseguida pelos moleques aos gritos de "Judeus do Carmo..."

Em Campinas de outrora era assim também. Piedade e recolhimento. Mas havia, de certo modo, mais vida na cidade. É que os fazendeiros deixavam suas propriedades e mudavam-se para os casarões da cidade, onde se reunia a família, inclusive as filhas internas dos colégios, de Itu, por exemplo.

Hoje as representações ao vivo da Paixão de Cristo movimentam várias cidades brasileiras, e entre outras, no agreste pernambucano criou-se até uma Nova Jerusalém. As festas de Semana Santa em Iguape são também de impressionante realismo e beleza.

Célia Siqueira Farjallat é colaboradora do **Correio**
